

RELATO DE EXPERIÊNCIA E PRÁTICA

A CONTRIBUIÇÃO DO CINEMA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA COM O PROJETO DE EXTENSÃO CINE URBANO

Gilselia Lemos Moreira¹

RESUMO

O ponto de partida deste relato é a contribuição do cinema nas aulas de geografia, mais especificamente de geografia urbana. A partir daí, procura-se realizar uma abordagem do fenômeno urbano, adotando uma leitura crítica do processo de produção do espaço. Em seguida, o relato expõe a experiência do projeto de extensão Cine Urbano. Trata-se de oficinas de cinema seguidas de debates conduzidos por um professor convidado, visando o aprofundamento dos temas relacionados à questão urbana. O texto busca mostrar que o filme é recurso que pode auxiliar na produção do conhecimento crítico, no qual o aluno se identifique como sujeito do processo de produção do espaço urbano, a partir da sua própria realidade. Finalmente apresenta-se o projeto de extensão Cine Urbano, cujo objetivo é promover o debate em torno da questão urbana, além de propor a dinamização e enriquecimento das aulas de geografia, cujos conteúdos se relacionem ao urbano e à cidade. Esta atividade é realizada de forma integrada às atividades do Geourbano, grupo de leitura dedicado a compreender o espaço urbano produzido sob a égide do modelo de produção capitalista. A experiência com o Cine Urbano nos permite afirmar que o cinema pode auxiliar o professor nas suas aulas a construir com os seus alunos uma interpretação crítica do urbano no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Cinema. Geografia. Espaço urbano. Ensino.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de tudo, é preciso deixar claro que não se aventa aqui uma receita, tampouco algo inédito, como recurso na sala de aula. A ideia é reforçar a importância do cinema como mais um meio de expressão cultural da sociedade contemporânea. O intuito é apontar caminhos possíveis para pensar/interpretar o espaço em que vivemos.

Considerando-se a multiplicidade de enredos apresentados nos filmes, é possível expor para os alunos películas com múltiplas visões sobre o espaço em que vivem, o que significaria auxiliar na construção de uma visão integral do mundo contemporâneo. Cabe

¹ Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Doutora em Geografia Humana. Atua nas áreas de Ensino e Geografia Urbana.

dizer que trabalhar com cinema compreende uma série de procedimentos tais como escolha do filme que será analisado, adequação do enredo aos conteúdos que serão abordados, metodologias adequadas ao trabalho em sala de aula, além da elaboração de roteiro para orientar o debate.

Antes da exibição do filme, se faz necessário adequar o tempo de exibição da película aos horários de aula do professor, contudo neste item é preciso chamar a atenção para uma grande dificuldade que está relacionada à carga horária semanal das disciplinas da área de humanas, pois, existem privilégios concedidos às ciências exatas e à tecnologia na escola no tocante ao número de aulas. Prova disso é a carga horária semanal de matemática em detrimento de geografia e história, por exemplo.

Por outro lado, penso que o papel do professor é o de ensinar formando cidadãos críticos, criando condições para esse aluno se identificar como sujeito do processo de produção do espaço a partir da sua própria realidade e esse papel as ciências humanas cumprem com maestria. É preciso ressaltar que para haver sinergia entre cinema e ensino de geografia se faz necessário, focar o potencial pedagógico dessa atividade, que está para além do enredo do filme. É preciso decodificar a linguagem da imagem, pois a imagem deve ser trabalhada como elemento potencializador de uma educação crítica frente a esse mundo que é permeado pela imagem.

Neste movimento de decodificação da imagem, os alunos experimentam não só a comunicação por meio do apelo visual, mas o processo criativo. O reinventar do mundo no processo criativo do cinema é o horizonte aqui perseguido. Todavia, é preciso ressaltar que trabalhar com cinema em sala de aula requer alguns cuidados, por exemplo, a concepção de vida mostrada ou o espectro dela, ainda que seja ficção, se faz necessário decifrar o seu sentido real e social.

No curso deste processo, o filme deve ser inserido naquilo que se pretende trabalhar e, a partir disso, se for necessário selecionar alguns trechos do filme para discussão. A ideia é permitir que os alunos após a sessão façam suas elucubrações. O ponto fundamental é estabelecer mediações entre o enredo e a vida cotidiana dos alunos, pois a sustentação do enredo está no encadeamento de ações que se desenrolam em uma sequência lógica e temporal. A ideia é mergulhar no âmago do enredo, esmiuçar fatos e realidades mostradas e iluminar as possibilidades de reflexão/análise, dando-lhes ferramentas para construir essa interpretação.

Se o ponto de partida desse artigo é a contribuição do cinema nas aulas de geografia, mais especificamente da geografia urbana, faz-se necessário realizar uma pequena

contribuição ao entendimento do fenômeno urbano. Para tanto, adotaremos uma leitura crítica do processo de produção do espaço. Trata-se de abrir caminhos ao entendimento das formas e processos que permeiam o urbano, em curso, pois entende-se o urbano como produto, condição e meio do processo de reprodução da sociedade urbana, essa é a tese que dá sustentação à nossa compreensão do fenômeno urbano.

O espaço urbano produzido sob a égide do modelo de produção capitalista não é homogêneo, é complexo, dinâmico e repleto de contradições e por isso cabe aos professores de geografia desvendar suas contradições mais profundas. É fato que existem inúmeras possibilidades e posições teórico-metodológicas, além de recursos didáticos e propostas pedagógicas e todas enriquecem o ensino, quando trabalhadas de forma ética e responsável. Todavia, reforçamos que o cinema é uma possibilidade de se trabalhar o ensino de forma lúdica e crítica ao mesmo tempo.

Em setembro de 2012, colocamos em prática o projeto Cine Urbano pelo Laboratório de História e Geografia (LAHIGE). Organizamos oficinas de cinema seguidas de debates conduzidos por um professor convidado, visando sempre o aprofundamento dos temas relacionados à questão urbana. O objetivo fundamental das oficinas é pensar o espaço urbano dentro de uma totalidade que permita apreendê-lo considerando as relações que se estabelecem nele e com ele pela sociedade.

O CINEMA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA POSSIBILIDADE DE ENTENDIMENTO DA GEOGRAFIA URBANA.

Continuo fechado com minhas posições de um cinema terceiro-mundista. Um cinema independente do ponto de vista econômico e artístico, que não deixe a criatividade estética, desaparecer em nome de uma objetividade comercial e de um imediatismo político.

Glauber Rocha

A ideia ao propor o trabalho com cinema nas aulas de geografia urbana é apontar mais uma possibilidade de reflexão/análise do espaço em que vivemos. O objetivo fundamental é decodificar por meio da linguagem do cinema aspectos, elementos e fragmentos que eliminam os conflitos possíveis e produzem a alienação.

De acordo com Resende (1995, p.84) “os alunos chegam à escola com um saber peculiar sobre o espaço que faz parte de suas respectivas histórias, das múltiplas atividades que enchem suas vidas, espaço cuja lógica eles aprendem na própria carne”.

Essa realidade exige uma reflexão profunda, mas, sem fundamentação teórica esse exercício perde potência. Sendo assim, é preciso criar condições, dando-lhes ferramentas para construir essa interpretação. Uma análise mais detalhada do espaço urbano pode possibilitar uma gama de olhares possíveis, sobre a realidade caleidoscópica imanente ao processo de produção capitalista do espaço, pois de acordo com Corrêa (2013, p.43),

a produção do espaço, seja o da rede urbana, seja o intraurbano, não é resultado da “mão invisível do mercado”, nem de um Estado hegeliano, visto como entidade supraorgânica, ou de um capital abstrato que emerge de fora das relações sociais. É consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de cotradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade.

Em uma análise que cabe à geografia, deve-se ter como meta a tentativa de revelar os conteúdos desses processos. O “cinema enquanto arte tem a vantagem de poder usar das várias formas de linguagem pelas outras artes, conseguindo, desta maneira, se comunicar com profundidade e envolvimento” (CAMPOS, 2006, p.1). Não obstante, devemos lembrar que vivemos atualmente num mundo globalizado, informatizado, dominado pela técnica, pela mídia, permeado pela imagem e submetido ao espetáculo, como afirma Guy Debord (1967, p. 1):

El espectáculo, comprendido en su totalidad, es a la vez el resultado y el proyecto del modo de producción existente. No es un suplemento al mundo real, su decoración añadida. Es el corazón del irrealismo de la sociedad real. Bajo todas sus formas particulares, información o propaganda, publicidad o consumo directo de diversiones, el espectáculo constituye el modelo presente de la vida socialmente dominante. Es la afirmación omnipresente de la elección ya hecha en la producción y su consumo corolario. Forma y contenido del espectáculo son de modo idéntico la justificación total de las condiciones y de los fines del sistema existente. El espectáculo es también la presencia permanente de esta justificación, como ocupación de la parte principal del tiempo vivido fuera de la producción moderna.

Por isso, muitos filmes não passam de produtos das manifestações de um mercado do entretenimento dominado por ideologias de classe. A intenção nem sempre aparente é a divulgação de estilos de vida e de concepções elitistas e supremacia de uma determinada raça e identidade cultural. Por tudo isso, Campos (2006, p.1) adverte “Como em qualquer arte, o cinema exprime, direta ou indiretamente, os valores do autor do roteiro, do diretor, da sociedade e do momento histórico no qual foi realizado”. Nesse sentido, o que se eleva no horizonte é a necessidade de se conhecer em profundidade a obra, sua ideologia, sua

abrangência geográfica e sua proximidade com os conteúdos que serão trabalhados, tendo como referência sempre o cotidiano do aluno.

Para tornar o trabalho com cinema, exequível e concreto, devem ser levantados alguns aspectos necessários para a análise geográfica. Um desses aspectos é a observação das paisagens, pois, habitualmente a paisagem é apreendida por meio de condicionamentos socioculturais, como explica Campos, (2006, p.3),

Lembrar que o fato de uma paisagem ser considerada bela é mais um reflexo de condicionamentos socioculturais. Estas paisagens são também urbanas com, muitas vezes, a especulação imobiliária se ocupando delas. Além disso, quando o ponto de observação é alterado, a paisagem muda. Em uma paisagem de uma grande cidade vista do alto de uma torre, o plano da cidade não é visível, em virtude do elevado número de espaços ocultos. Certos lugares foram escolhidos como belos pelas agências de turismo. O deslizamento de escalas é uma das características do olhar sobre a paisagem. As coisas vão ficando cada vez menores em direção ao horizonte, provocando um efeito de distanciamento.

Faz-se importante ressaltar o valor da perspectiva didática ao se trabalhar com cinema em sala de aula. O cinema pode despertar a imaginação do aluno e ao mesmo tempo possibilitar analogias ao conteúdo abordado. Cabe dizer que raramente encontramos filmes com abordagem geográfica e que tratem a realidade com fundamento crítico. Por isso, a escolha do filme que se pretende trabalhar, exige uma análise muito cuidadosa e isso requer planejamento.

É pertinente dizer que o filme como recurso didático pode lançar luz à compreensão das formas e dos processos que permeiam o urbano e a sala de aula pode ser o lugar precípua desta possibilidade fecunda de conhecer e apreender o mundo contemporâneo.

ABORDAGEM DO FENÔMENO URBANO: UMA LEITURA CRÍTICA DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Compreender o fenômeno urbano, iluminar os conflitos que permeiam uma sociedade profundamente desigual, desmistificar as ideias de espaço homogêneo e de espaço como palco da atividade humana, requer trilhar caminhos que possibilitem pensar/interpretar o sentido do espaço urbano, que é a vida urbana.

Os caminhos aqui escolhidos para esse exercício privilegiaram um retorno aos estudos de tradição crítica. Ao assim fazer, procuramos estabelecer uma interlocução com autores que na esteira das formulações de suas teses acerca do urbano, propuseram interpretações

suficientes para dar conta dos mais recentes processos que permeiam a produção do espaço urbano.

Para mergulhar nesse entendimento é preciso ter a exata noção de que espaço está-se falando. No livro *Espaço e indústria* (1997b), Ana Fani A. Carlos explicita sua posição crítica:

A noção de espaço geográfico enquanto produto do processo de trabalho da sociedade se contrapõe radicalmente à pura e simples apreensão do espaço enquanto localização dos fenômenos ou palco da atividade do homem. A nosso ver, o espaço geográfico deve ser concebido como um produto histórico e social das relações que se estabelecem entre a sociedade e o meio circundante [...] o espaço não é humano porque o homem o habita, mas porque o constrói e reproduz [...] (CARLOS, 1997b, p.15).

Considerando que a produção do espaço é decorrente da ação de agentes sociais concretos, com efeito, a obra de Roberto Lobato Correia – *O Espaço Urbano* (1986) possui notável mérito quando trata dos agentes que produzem o espaço, a saber: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado e os grupos sociais excluídos. E quanto é oportuna na atualidade essa proposição de Roberto Lobato Correia. Todavia, nosso principal interesse está na sua reflexão sobre os seguintes temas, a produção do espaço, as ações dos agentes sociais e seus papéis.

Sobre os temas acima citados encontraremos as seguintes considerações no capítulo 3 do livro. A produção do espaço urbano, organizado por Ana Fani A. Carlos *et al.*(2013), “[...] a produção do espaço como decorrente da ação de agentes sociais concretos, com papéis não rigidamente definidos, portadores de interesses, contradições e práticas espaciais que ora são próprios de cada um, ora são comuns [...]” (CORRÊA, 2013, p.41). Conhecer esses agentes e compreender o seu papel no processo de produção do espaço, especificamente o urbano é fundamental na elaboração do conhecimento acerca dos processos que envolvem a apropriação e dominação do/no espaço, além da noção de cidade e de urbano de forma palpável, condição essencial para o debate sobre esta temática.

É nessa determinação que a discussão a seguir coloca o papel fundamental que o espaço desempenha na organização da produção e estrutura da cidade. Antes, porém, apresentamos algumas observações gerais tecidas por Sandra Lencioni sobre as considerações que auxiliam na discussão acerca dos conceitos de cidade e urbano. Esta mesma autora diz que “cidade” diferencia-se de “urbano” na medida em que o primeiro consiste em:

um produto social que se insere no âmbito da “relação do homem com o meio” – referente mais clássico da geografia. Isso não significa dizer, todavia, que estabelecida essa relação tenhamos cidades. Não importando as variações entre cidades, quer espaciais ou temporais há uma ideia comum a

todas elas, que é a de aglomeração. Não é à toa, então, que a ideia de aglomeração se faz presente na definição da palavra cidade. (LENCONI 2008, p. 115).

No caso do espaço urbano, Lencioni (2008, p. 121) diz que “o conceito de urbano se relaciona a um processo histórico e dependendo da referência teórica falaremos de urbano desde os primórdios da colonização brasileira ou segundo outros períodos”. Portanto, é preciso salientar que existe uma articulação entre cidade e espaço urbano. Carlos (1997b) acredita que a cidade aparece como materialidade, produto do processo de trabalho, ela diz:

a cidade aparece como materialidade, produto do processo de trabalho, de sua divisão técnica, mas também da divisão social. É materialização de relações da história dos homens, normatizada por ideologias; é forma de pensar, sentir, consumir; é modo de vida, de uma vida contraditória. (CARLOS, 1997, p. 26).

A ideia de cidade segundo Raquel Rolnik num primeiro momento está relacionada a um objeto de atração. No livro *O que é cidade* (1988) essa autora faz uma comparação no mínimo curiosa, ela diz: “na busca de algum sinal que pudesse apontar uma característica essencial da cidade de qualquer tempo ou lugar, a imagem que me veio à cabeça foi de um imã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens” (ROLNIK, 1988, p. 12).

Essa autora explica a seguir as razões dessa comparação:

Isso mesmo, a cidade é antes de tudo um imã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia. Assim foram os primeiros embriões de cidade de que temos notícia os ziguarates, templos que aparecem nas planícies da Mesopotâmia em torno do terceiro milênio antes da era cristã (ROLNIK, 1988, p. 13).

No entanto, ao concluir sua análise sobre o que é cidade, Raquel Rolnik tece o seguinte comentário:

Alguns estudiosos da cidade falam de uma era pós-industrial, de uma cidade pós-industrial onde o tempo e espaço são redefinidos. Nela não existe mais a necessidade de concentração, uma vez que sob o paradigma eletrônico-nuclear os terminais e bancos de dados podem estar dispersos pelo território. Por isso, a cidade pode, pela primeira vez em sua história, não ser mais imã, rompendo seu impulso originário. Se isso corresponde a um mundo transformado inteiramente em cidade, a um mundo sem cidade ou ao mundo depois das cidades, só o futuro poderá dizer. (ROLNIK, 1988, p.84).

Revisitando o livro *Crise urbana* (2015), organizado pela pesquisadora Ana Fani A. Carlos, no capítulo II sob o mote “A reprodução do espaço urbano como momento da acumulação capitalista” essa mesma autora diz:

O espaço ganha hoje, um sentido diverso dos momentos anteriores da história de sua produção. No quadro do processo de mundialização, que delinea a relação global/local, redefine-se o papel do espaço da acumulação

do capital. Como exigência do seu desenvolvimento, esse comportamento realiza-se no movimento de passagem da hegemonia do capital produtivo para o capital financeiro (CARLOS, p. 215).

As perspectivas de Rolnik (1988) e Carlos (2015) relacionam-se diretamente à ideia de cidade e de urbano no mundo pós-industrial, associada ao movimento acelerado de concentração e centralização de capitais, “onde as redes e os fluxos tecem conexões entre os lugares e alteram a ideia de próximo e distante” (LENCIOMI, 2008, p. 118). O fato é que a produção do espaço urbano decorre desse movimento.

É nesse contexto que se coloca outra dimensão dessa discussão, ou seja, a apropriação e a dominação do/no espaço, como negação do “Direito à cidade”. Efetivamente,

o processo de produção do espaço da metrópole concentrado no centro e, em seguida expandido e disperso a partir dele numa área mais ampla, permitiu a realização da propriedade privada do solo urbano. Nesse movimento, produziu uma contradição entre o centro e a periferia explodida (CARLOS, 2011, p. 113).

Essa abordagem nos conduz a situar os problemas da desigual distribuição social e espacial dos meios de consumo coletivos. Nesse caso melhor exemplo é o da moradia. Cabe ressaltar segundo Rodrigues (1997, p.54), que temos visto no Brasil mudanças significativas [...] e uma crescente intervenção do Estado nas questões urbanas, que se caracterizam por um conjunto complexo de programas e de ações, desde a definição do valor salário, à produção direta de habitações. Cabe dizer que Rodrigues (1997) forneceu a chave explicativa para a questão do habitar nas cidades da periferia do capitalismo.

Voltando ao tema “apropriação e a dominação do/no espaço em uma concepção capitalista clássica”, podemos dizer que o salário baixo é um modo de controlar o acesso à terra e consequentemente à moradia. Assim posto, cabe ressaltar que o ponto aqui perseguido é o do “Direito à cidade”. Nesse horizonte ousamos dizer que:

em face desse direito, ou pseudodireito, o direito à cidade se afirma como apelo, como uma exigência. Através de surpreendentes desvios- a nostalgia, o turismo, o retorno para o coração do tradicional, o apelo das centralidades existentes ou recentemente elaboradas- esse direito caminha lentamente [...]. O direito à cidade não pode ser concebido como simples direito de visita de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada (LEFEBVRE, 2001, p. 116-117).

Pode ter sido alongada essa discussão, mas o sentido foi de iluminar ainda que de maneira breve alguns dos conflitos que permeiam uma sociedade profundamente desigual. O que se procurou com essa discussão foi desmistificar as ideias de espaço homogêneo e de espaço como palco da atividade humana. Devemos lembrar que o caminho do conhecimento

exige reflexão/interpretação do mundo moderno e nossa experiência com o projeto Cine Urbano é mais uma tentativa nessa direção.

A EXPERIÊNCIA COM CINE URBANO: UM PROJETO DE EXTENSÃO DO LABORATÓRIO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

O Cine Urbano é um projeto vinculado a uma ação extensionista do Laboratório de História e Geografia – LAHIGE da Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC. O LAHIGE, que data de 1997, é o primeiro e único laboratório de ensino da UESC. É, portanto, um núcleo permanente, comum aos departamentos de Filosofia e Ciências Humanas, DFCH e ao Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais, DCAA. Pelo caráter de espaço interdepartamental conta com dupla coordenação, Geografia e História.

O LAHIGE tem 20 anos de atividade, pesquisa e trabalho dedicados à questão do ensino. O Laboratório congrega alunos de graduação, pós-graduação e diversos professores/pesquisadores em torno do objetivo de discutir as questões referentes ao ensino e à aprendizagem das áreas de história e geografia, tendo como foco ampliar o desempenho dos alunos e professores ligados à educação básica da região de abrangência da UESC.

Diante disso, a proposta do LAHIGE é buscar caminhos para concretizar o ensino e a pesquisa em história e geografia; estabelecer canais de interlocução entre os conhecimentos específicos das áreas acima citadas e os conhecimentos provenientes das ciências da educação, bem como a avaliação da aprendizagem, a didática, o currículo, o planejamento pedagógico, o domínio cognitivo e as teorias pedagógicas buscando a superação da dicotomia entre esses campos de conhecimento.

Dentre as linhas de ação do LAHIGE se destacam, a ação continuada de formação de professores, ação logística de Prática de Ensino, ação de pesquisa e Produção de Materiais Didáticos, ação de difusão cultural. O LAHIGE desenvolve atividades relacionadas à formação do professor da educação básica e, para tanto, oferece cursos, palestras, workshops e oficinas. Para auxiliar na realização dessas atividades, o laboratório dispõe de livros, mapas, materiais didáticos diversos e equipamentos audiovisuais.

A proposta do LAHIGE envolve a produção de um conhecimento crítico enfocando os conteúdos que explicitem a realidade que envolve o cotidiano dos estudantes de licenciatura, professores e alunos da educação básica, mantendo o diálogo entre História e Geografia. Entre as atividades habituais do LAHIGE destacam-se trabalhos de extensão e promoção de eventos

na área de Geografia e História, grupos de estudos, dentre os quais podemos apontar o Geourbano e o Cine Urbano.

A partir daqui destacaremos a proposta do Cine Urbano, nosso ponto de partida neste trabalho. O objetivo do projeto é promover o debate em torno da questão urbana, além de propor a dinamização e enriquecimento das aulas de geografia, cujos conteúdos se relacionem ao urbano e à cidade. Trata-se de oficinas de cinema seguidas de debates conduzidos por um professor convidado, visando o aprofundamento dos temas relacionados ao urbano, como já foi dito. Esta atividade é realizada de forma integrada às atividades do Geourbano, mantendo o mesmo dia da semana, a partir de uma programação prévia.

O projeto Cine Urbano foi idealizado em 2012 e conta com sessões de cinema, intercaladas por estudo de obras de autores que se debruçaram sobre o entendimento do urbano e da cidade. Ao longo desses quatro anos, já analisamos diversas obras como *O direito à cidade* (Henry Lefebvre); *A cidade* (Ana Fani A. Carlos); *Região cacaueira da Bahia dos coronéis à vassoura-de-bruxa: saga, percepção, representação* (Lurdes Bertol Rocha).

Outras obras que se destacam são: *Cidade do Pensamento Único* (Otilia Arantes *et al*); *O que é cidade* (Raquel Ronik); *Moradia nas cidades brasileiras* (Arlete Moysés Rodrigues); *Para entender a crise urbana* (Ermínia Maricato); *A produção do espaço urbano* e *A condição espacial* (Ana Fani A. Carlos *et al*) e, finalmente, *O que é espaço urbano* (Roberto Lobato Corrêa) entre outras.

É fato que outros autores e suas obras são dignos de atenção e, certamente nos debruçaremos sobre os mesmos, pois a nossa intenção é aprofundar as análises teóricas sobre as questões urbanas. Todavia, essas obras se destacam pela riqueza das análises sobre o urbano e permitem ao leitor construir uma interpretação sobre o processo de produção do espaço urbano. Cabe dizer que o objetivo do grupo de estudos Geourbano, é aprofundar as análises teóricas sobre a temática urbana.

É preciso ressaltar que os estudos sobre o espaço urbano vêm sendo realizados consecutivamente a partir da leitura e análise das referidas obras, e das sessões de filmes, o que nos possibilita uma discussão mais ampla no que se refere ao uso e apropriação do espaço urbano. Para tornar o nosso trabalho com cinema exequível e concreto, realizamos uma vez por semana uma reunião onde discutimos e selecionamos as películas. Os filmes são escolhidos de acordo com a temática abordada nas obras que serão analisadas. Após a escolha das obras e dos filmes, elaboramos um calendário de encontros que inclui estudo das obras, exibições dos filmes e debate.

Antes da sessão o público (alunos do curso de licenciatura e professores da educação básica) é informado sobre os dados referenciais do filme (autor, direção, duração, prêmios etc.). Posteriormente à exibição do filme, o convidado tece os seus comentários e logo após se inicia o debate com o público. A ideia é que todos se posicionem pontuando suas observações.

Várias películas já foram analisadas no Cine Urbano, a exemplo de Central do Brasil (1998, Brasil, direção: Walter Salles), Bye Bye Brasil (1980, Brasil, direção: Caca Diegues), Cidade de Deus (2002, Brasil, direção: Fernando Meireles e Kátia Lund) e Cidade dos homens (2007, Brasil: direção Paulo Morelli). Esses filmes ilustram entre outras coisas as condições profundamente desiguais nas quais se reproduz a sociedade brasileira, portanto, nos permitem essa interpretação.

Já o filme Tempos Modernos (Modern times, 1936, EUA, direção: Charles Chaplin) desvenda contradições do mundo do trabalho. O processo de mecanização, o aumento da produtividade, o desemprego em massa, a exploração e a precarização do trabalhador.

O filme O preço do amanhã (2011, EUA, direção: Andrew Niccol) ilumina o recrudescimento, as hostilidades e as divergências entre as classes sociais. Por meio desse filme é possível tratar das relações entre o Capital e o Trabalho. Amazônia em chamas (1994, EUA, direção: John Frankenheimer) é um filme cujos holofotes estão voltados para a lógica da exploração inerente ao capitalismo, à exploração do trabalhador na Amazônia, aos movimentos de resistência e à questão da Floresta Amazônica.

O LAHIGE vem desenvolvendo estas ações com a preocupação primeira de oferecer suporte aos graduandos dos cursos de Licenciatura da UESC para a efetivação das 200 horas de Atividades Acadêmicas Complementares. A realização destas atividades, no geral de 20 horas, vem contando com a colaboração de professores de diversos departamentos da UESC, e, em especial, com os professores do DFCH e do DCAA.

Cabe dizer que, ao conceber o projeto Cine Urbano, nosso intuito é ir além dos muros da universidade. Nossa intenção é levar o Cine Urbano às escolas e socializar o que acreditamos ser uma possibilidade fecunda na construção do conhecimento e na formação de cidadãos críticos, nosso maior objetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou reforçar a ideia de que o cinema é um meio de expressão cultural capaz de despertar a imaginação do aluno e ao mesmo tempo possibilitar analogias ao

conteúdo abordado nas aulas de geografia urbana. Além disso, empreendeu esforço para mostrar que trabalhar com cinema requer alguns cuidados, no que concerne, por exemplo, à concepção mostrada, ainda que seja ficção. Avigoramos que se faz necessário decifrar a percepção contida nos filmes no seu sentido real e social. Por isso, a escolha do filme que se pretende trabalhar exige análise muito cuidadosa, isso requer planejamento.

Ressaltamos que para haver sinergia entre cinema e ensino de geografia se faz necessário focar o potencial pedagógico dessa atividade, que está para além do enredo do filme. Nossa intuito aqui foi apontar caminhos possíveis para pensar/interpretar o espaço em que vivemos e dentre as várias possibilidades apontamos o cinema. Finalmente, a nossa experiência com o Cine Urbano nos permite afirmar que o cinema pode auxiliar o professor nas suas aulas a construir com os seus alunos uma interpretação crítica do urbano.

A CONTRIBUTION OF CINEMA IN CLASSES OF GEOGRAPHY: AN EXPERIENCE WITH THE EXTENSION PROJECT OF URBAN CINEMA

ABSTRACT

The main point of this paper is the contribution of cinema in classes of Geography, specifically, of Urban Geography. An analysis of the urban phenomenon is made, using a critical approach to the space production process. The experience of an urban-cine extension project is shown, additionally. Workshop classes about cinema, following debates leaded by an invited teacher are conducted, taking into account topics on urban questions. The paper seeks to show that the film is a resource that can aid in the production of critical knowledge, in which the student identifies himself as the subject of the urban space production process, based on his own reality. Finally, the project of urban cinema extension is presented, whose objective is to promote the debate around the urban question, besides proposing the dynamization and enrichment of the geography classes, whose contents are related to the urban and the city. This activity is carried out in an integrated way to the activities of Geourbano, a reading group dedicated to understanding the urban space produced under the aegis of the capitalist production model. The experience with Cine Urbano allows us to affirm that cinema can help the teacher in his classes to construct with his students a critical interpretation of the urban in the contemporary world.

Key-words: Cinema; Geography; Urban space; Teaching-learning.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Otfilia Beatriz Fiori. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Crise urbana. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A reprodução do espaço urbano como momento da acumulação capitalista.** São Paulo: Contexto, 2015. p. 25-53.

_____. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 1997a.

_____. **Espaço e Indústria.** São Paulo: Contexto, 1997b.

_____. **A condição espacial.** São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **A produção do espaço urbano.** São Paulo: Contexto, 2013. p. 41-51

CAMPOS, Rui Ribeiro de. **Cinema, geografia e sala de aula.** Estudos Geográficos, Rio Claro, 4(1): 1-22, Jun. – 2006. Disponível em: <www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>. Acesso em 26 dez. 2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre Agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão.** In: CARLOS, A. F. A. ; SOUZA, M. L. ; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). **A produção do espaço urbano.** São Paulo: Contexto, 2013. p.41-51.

_____. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1996

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Traducción de José Luis Pardo - Madrid. Revista Observaciones Filosóficas. São Paulo. Contraponto: 1967. Disponível em: <<http://www.observacionesfilosoficas.net/download/sociedadDebord.pdf>>. Acesso 29 dez 2016.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à Cidade.** Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LENCIONI, Sandra. **Observações sobre o conceito de cidade e urbano.** GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, nº 24, pp. 109 - 123, 2008.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana.** 1^a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.112p.

RESENDE, Márcia M. Spyer. **O saber do aluno e o ensino de Geografia.** (In: VESENTINI, J.). W. (Org.) Geografia e ensino: Textos críticos/ José Wiliam Vesentini (org.). 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras.** São Paulo: Contexto, 1997.

ROCHA, Lurdes Bertol. **A região cacaueira da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa: saga, percepção, representação.** Ilhéus. BA: Editus, 2008. 255p.
ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo, Brasiliense, 1988.

Recebido em 07/01/2017.
Revisado entre 18 e 28/07/17.
Aceito em 21/08/17.